

PRÓTESE ROMANCE DE E ANTE S + CONSOANTE E O QUE DAÍ SE PUDERA INFERIR NO CÉLTICO

Abstract: The prothesis of an E before S and consonant in the western romanic languages perhaps comes from an ancient article of old Celtic language, *is, i*, atonic form of an anaphoric IE pronoun.

Key words: *Itucci, Τύκκε, Igabrum, Hispalis, Hispania, *SKATÓDĒWĀS.*

Aparece nas línguas hispanas e gálicas: lat. *scriptu-* > port. e cast. *escrito*, cat., prov. e fr. ant. *escriu*, fr. mod. *écrit*. Fora desse espaço, o grupo **S + consoante** articula-se sem o E no resto da România: em italiano, onde é viçoso o S “impuro”, e romeno. O mesmo acontece em grego, germânicas, eslavas e bálticas. E ao cabo também nas neocélticas.

O intuito atual é perscrutar a causa do E “parasito”. Abriu-se senda ao estudar uns topónimos da Bética antiga. Daí saíram etimologias que parecem certas e dariam a chave para entender a prótese. Caso de esses resultados darem certos, pudera avançar a reconstrução das falas célticas do continente com um importante rasgo que nelas parece geral.

(H)I(S)- MÓBIL NO LATIM

Não se pode separar *bezerro* do lat. hisp. *ibex, -icis* “camurça”. Diz Coromines: “Sabido es que la desaparición de una I- es frecuente en los iberismos...”¹. O I inicial sai e desaparece em palavras hispanas sem razão clara. Daí a ideia de ser rasto de um artigo ou demonstrativo fraco.

IGABRUM

Robora a presunção *Igabrum*, nome velho da cordovesa Cabra, célebre pelo *cordovão*, coiro de cabrito curtido, suave e durável que de Córdoba tira nome. Datam a fama na época islâmica, mas é anterior. *Igabrum* vem do céltico, cf. ant. gaélico *gabor* (irl. *gabhar*, escoc. *gobhar*), galês *gavr* [gavr], córn. *gavar*, bret. *gabr* ou *gaffr*, todos do epiceno céltico **GABROS**, que foi gaulês.

Igabrum inclui **GABRO-** adaptado ao latim. Como soava? Os I e U latinos breves, abertos e laxos, equivaliam aos E e O célticos breves fechados, como viram Coromines e Hubschmied. O som nasal final era fraco em latim e céltico, realizado na nasalidade da vogal, o que os celtistas escrevem com -N. Escrita céltica regular fora *ĒGABRON ou *IGABRON, neutro. Tirado de masculino, há aí uma qualidade caprina antes que o nome do animal. Daí traduzir “o (que é) caprino”. Índícios são o atual nome *Cabra* e a fama do cordovão. Pesa mais a hipótese de o I ser prótese. Proponho *IGABRON, de I afastado do tema. A meu ver é um artigo ou demonstrativo débil.

*I TUKKI

Reencontramos o I móbil no nome antigo de Martos, em Jaém, zona sempre estimada ibera. No latim tem forma dupla, *Tucci* e *Itucci*; em grego é Τύκκε. Logo é uma prótese átona. Uma série de palavras de origem céltica (*Tucca, tucetum, *tuccinum*) nota ser adjetivo céltico para “gordo”: *I TUKKI “o (que é) crasso, gorduroso”. Gordura era metáfora de riqueza. O melhor é traduzir “o (que é) rico”, isto é, “(oppidum) rico, da riqueza”.

O I protético vai em neutros. A buscar a etimologia, as neocélticas pouco dão. Pista indo-europeia há: *i / *ei serviu a dar demonstrativos latinos e germânicos: lat. *is, ea, id* e gót. *is, ita*. Tirando as inovações do feminino latino e dos dous neutros, ficam os protótipos *is animado (masculino e feminino) e *i inanimado (neutro). Isto servirá em dous casos mais importantes, que fechariam a hipótese do artigo ou demonstrativo fraco.

¹ DCECeH, *becerro*, nota 2.

SEVILHA

O I móvel seria artigo (ou demonstrativo fraco) neutro. Os animados (femininos e masculinos) logo deveram ter -S. Se damos com casos de IS-, a hipótese ficará certificada. *Hispalis*, velho nome de Sevilha, não é latino e sói ser lido como proparoxítono. Falso; cumpre duvidar do consoante-bido. O latim medieval era a única língua escrita, o que leva a fitar a transcrição árabe, reflexo ingênuo da pronúncia popular. Aqui o nome é *Ixbília* إشبيلية. Daí quadra tirar conclusões:

- Descarta-se a aspiração. Rico o árabe em laríngeas, faríngeas e aspiradas, caso de havê-la não deixaria de refleti-la. O H- latino é um eco helenizante do ataque ou espírito suave grego.
- O árabe não ter oclusiva labial surda (P) nada diz do timbre da consoante da segunda sílaba. A língua original podia ter combinatoriamente as duas pronúncias, sonora e surda.
- O I tónico é decerto rasgo da evolução do nome dentro do árabe, efeito da *imela*, frequente no hispano, pela qual um A passa para E, e às vezes para I.
- Quanto ao -A final, no Império o povo pronunciava **Ispália* ou **Isbália*, como nota a forma árabe, quer dizer que era paroxítona.
- Hispalis*-**Ispália* têm a chave da etimologia. Sob a forma latina *Hispalis* oculta-se o céltico **IS BALĪ* “a vila”. Pasmoso é Sevilha ter um étimo que signifique “a Vila”!

O genitivo **ESIĀS BALIĀS* (e o resto da declinação) tolhia a latinização. Vejamos o tema céltico em Ī longo e as dificuldades de **BALĪ* “vila”. No indo-europeu (*neogramático* simplificando) houve um tema feminino cujo nominativo e acusativo sg. tinha -I² (I + vogal neutra ou laringal) e -IĀ- nos outros casos. O -I² fez-se -Ī em sânscrito e céltico e -IĀ em latim e grego. Viu-se ao estudar o nome da grã deusa céltica, **BRIGANTĪ*, g. **-NTIĀS*, sempre escrito à latina *Brigantia*. Adaptavam-no os célticos bilíngues ao recuar a língua local, nivelando o declinar “anómalo”. Na República ao virem os latinos a Hispânia, a adequação fez outra via. Ficou o nominativo *BALI*, sem reter o I longo e adiu-se o -S animado. Mas por que **BALĪ* com B-? O céltico perdera o fonema P indo-europeu. O céltico que não o recriou desde K^W (hispano-céltico e protogoidélico) tinha vasto leque de realizações do B, não reduzido pelo traço de surdez. Além disso, a lenição incipiente das oclusivas intervocálicas criava oposição fonética, não fonológica, que apenas notavam os de fora. Daí transcrições latinas com P de palavras célticas de B etimológico. Claros são *Alpes*, célt. **ALBES*, e o astur *Belôncio*, Παιλόντιον-*Paelontium* em Ptolomeu, que prova a tradição fonológica céltica. No caso atual a labial não era intervocálica.

Existiu **BALĪ* “vila”? Eis o gaél. *baile* “lugar; povo, vila; herdade”, do nome oficial de Dublin, *Baile Átha Cliath* “Vila do Vau das Paliçadas”, lá **BALIOS JĀTOUS KLĒTON*. Ser **BALIOS* de outro género pouco dá. Flutuar o género era corriqueiro recurso para matizar. **BALIO-* vem de **bhwē-liio-*, raiz **bheu-* (Pokorny 146-150). Em suma, Sevilha lá era simplesmente “a Vila”.

HISPÂNIA

As etimologias púnicas giram no vazio sem lograr certeza. Convém tornar a buscar e aplicar o visto. O artigo ou demonstrativo enfraquecido que temos visto coincide com o demonstrativo anafórico indo-europeu que nas neocélticas deu pronomes pessoais de 3ª pessoa, paralelos aos ecos românicos do lat. *ille*. Vai em negrito o paradigma destes reconstruído no Lewis-Pedersen², preenchido de conjeturas nos casos restantes:

² *A Concise Comparative Celtic Grammar*, Vandenhoeck & Ruprecht, Gotinga, 1961, p. 216.

	Singular			Plural		
	Masc.	Fem.	Neutro	Masc.	Fem.	Neutro
N	<i>is</i>	<i>sī</i>	<i>id/ido</i>	<i>ioi</i>	<i>iās</i>	<i>ī</i>
V	<i>i</i>	<i>sī</i>	<i>id/ido</i>	<i>ioi i</i>	<i>iās</i>	<i>ī</i>
Ac	<i>in</i>	<i>siian/sīn</i>	<i>id/ido</i>	<i>sūs</i>	<i>sās</i>	<i>ī</i>
I	<i>iū</i>	<i>iā</i>	<i>iū</i>	<i>iobis</i>	<i>iābis?</i>	<i>iobis</i>
D	<i>iūi</i>	<i>iāi</i>	<i>iūi</i>	<i>iobo</i>	<i>iābo</i>	<i>iobo</i>
Ab	<i>iūd</i>	<i>esiās</i>	<i>iūd</i>	<i>iobo</i>	<i>iābo</i>	<i>iobo</i>
G	<i>esio</i>	<i>esiās</i>	<i>esio</i>	<i>eson</i>	<i>esān</i>	<i>eson</i>
L	<i>io</i>	<i>iāi</i>	<i>io</i>	<i>esu</i>	<i>esu</i>	<i>esu</i>

“Este, esta, isto”. Tónico, deu os pessoais neocélticos da 3ª, cruzado com outros demonstrativos. No hespérico a forma mais velha, o género animado (masc.-fem.) é **IS** e o inanimado (neutro), é **I**, quando átono, virou em artigo. Eis o paradigma arcaico do provável artigo-demonstrativo, com negrito apenas nas formas acima representadas:

	Singular			Plural			Dual		
	Masc.	Fem.	Neutro	Masc.	Fem.	Neutro	Masc.	Fem.	Neutro
N	<i>is</i>	<i>is</i>	<i>i</i>	<i>ioi</i>	<i>iās</i>	<i>ī</i>	<i>iou</i>	<i>iai</i>	<i>ioi</i>
V	<i>i</i>	<i>i</i>	<i>i</i>	<i>ioi</i>	<i>iās</i>	<i>ī</i>	<i>iou</i>	<i>iai</i>	<i>ioi</i>
Ac	<i>in</i>	<i>in</i>	<i>i</i>	<i>sūs</i>	<i>sās</i>	<i>ī</i>	<i>iou</i>	<i>iai</i>	<i>ioi</i>
I	<i>iū</i>	<i>iā</i>	<i>iū</i>	<i>iobis</i>	<i>iābis</i>	<i>iobis</i>	<i>iobīn</i>	<i>iābīn</i>	<i>iobīn</i>
D	<i>iūi</i>	<i>iāi</i>	<i>iūi</i>	<i>iobo</i>	<i>iābo</i>	<i>iobo</i>	<i>iobīn</i>	<i>iābīn</i>	<i>iobīn</i>
Ab	<i>iūd</i>	<i>esiās</i>	<i>iūd</i>	<i>iobo</i>	<i>iābo</i>	<i>iobo</i>	<i>iobīn</i>	<i>iābīn</i>	<i>iobīn</i>
G	<i>esio</i>	<i>esiās</i>	<i>esio</i>	<i>eson</i>	<i>esān</i>	<i>eson</i>	<i>iou</i>	<i>iou</i>	<i>iou</i>
L	<i>io</i>	<i>iāi</i>	<i>io</i>	<i>esu</i>	<i>esu</i>	<i>esu</i>	<i>iou</i>	<i>iou</i>	<i>iou</i>

Difícil seria *Hispania* e *Hispalis* não coincidir no início. Atinariam os antigos, de S^{to}. Isidoro de Sevilha adiante. Vejamos as objeções, nas que destaca o P em palavra suspeitada de céltica.

Aplica-se o dito em *Sevilha* do eco das labiais sonoras célticas em ouvidos forasteiros. Perdido o fonema P, os dialetos que não o recriaram com K^w (hespérico e goidélico) dispunham de um leque de realizações do B sem limite de surdez. A incipiente lenição das oclusivas intervocálicas fazia diferença fonética (não fonológica, notada só dos forasteiros) entre B intervocálico e o que não era. E os latinos articulavam com P palavras célticas de B etimológico não intervocálico. Vimos *Alpes*, célt. *ALBES, e o astur *Belôncio*, Ptolomeu Παλόντιον-*Paelontium*. A labial de Hispânia não era intervocálica e a realização era oclusiva e algo ensurdecida.

Na busca do tema, nos léxicos neocélticos há o gaél. *bán* “branco, brilhante; puro; verdadeiro”. Em céltico “branco” era também “belo” e “santo”. *Bán* vem de *BĀNO-, de *bhā-no- ou *bhōno- (Vendryes), raiz *bhā-/ bhō-/ *bhə “brilhar, luzir” (Pokorny 104-5), donde scrs. *bhāti* “brilha”, *bhānam* “fulgor luminoso”, grs. φαός “luz”, φαίνω “faço visível”, φανερός “patente”, anglo-sax. *bónian* “rendre brillant” e alem. *bohlen*. *BĀNO- pôde dar *IS BĀNĀ “a branca”, mas melhor é *IS BĀNĪ “a (terra) da Branca”. Cf. *Albio*, *Albionis* (*ALBIŪ, ALBIONOS) que também fala na cor alva e seria epíteto da deusa céltica (*A Deusa Branca* de R. Graves). A terra não se distingue da Deusa Mãe Terra. A meu ver a tradição islâmica que chamava *Espanha* ao sul da península é antiga. Aludiria à Bética, primeira parte da península atingido dos latinos. *IS BĀNĪ tem perfil para ser o nome autóctone da Céllica Bética, e depois cresceria por metonímia. As teses púnicas têm o consolo de na palavra ter-se dado inextricável mistura de paretimologias. Cada língua e cultura cria ver nela algo próprio. Mas cuido que no fundo os do Sul de língua céltica, antigos na terra, lhe diziam à sua *IS BĀNĪ, genitivo **ESIĀS BĀNIĀS**, “a (terra) da (Deusa) Branca”

ATANDO CABOS

Chegados aqui, cuida já visível o corolário que tardara a ver depois de estudar as vozes vistas. Na verdade, não o vi eu, foi meu amigo Carlos Durão, de Londres, que o viu. Revisando um *paper* que escrevi em cativo inglês para ser lido em Maynooth³, em nota a rodapé de leve tocou o étimo de *Escadevas*, o rio que passa por Guitiriz. Em vez de *SKATÓDĒWĀS, pôs um correto

“**IS** SKĀTÓDĒWĀS with article > proto-romanic **escadó’evās* > *Escadevas*.”⁴

Digamo-lo já, o artigo da Bética teve de ser a causa da prótese de E ante o S mais consoante nos romances ocidentais de substrato céltico. Nesse ***IS** SKĀTÓDĒWĀS, há artigo animado (masculino-feminino) *is*, a evoluir para românico *es-*, de E (fechado, irrelevante por átono) e S surdo. Se tivéssemos um celtismo vindo de neutro com por S- mais consoante, o resultado seria igual: *i* mais *s* e consoante dão exatamente o mesmo românico *es-*. A faltar o celtismo preciso, apelo ao *SKĀTON “sombra” do composto. que era neutro: ***I** SKĀTON > proto-românico ocid. **escado*.

Via-se ser artigo, mas via-se no âmbito bético. À margem de eu crer num *continuum* linguístico céltico (intuito a ser provado), depois vi sua extensão na península ao saber do misterioso anel achado em 1974 nas Sies, hoje no Museu Provincial de Ponte Vedra. Pequeno, para meiminho ou ex-voto, ostenta uma gema azul com a imagem de um porco bravo e acima uma legenda em negativo, que pode significar ter de ler-se em espelho, alfaia pouco abundante. Assim o mistério crescia. Eis o gaél. *sanas* “murmúrio, segredo, conselho”⁵, que cifra a noção que do saber havia nos celtas. O saber passava de mestre a discípulo com sigilo para sublinhar o valor da ensinança.

A legenda no espelho é **HE APRV**, de H e E unidos. Data-se no séc. II A.D. As leituras variam. A meu ver **HE** não é abreviatura, como supõe a maioria dos analistas. É o artigo que persigo, que por átono tinha timbre lábil. O H- é como o de *Hispalis*, eco do ataque vocálico suave grego. **APRV** será neutro, paralelo de *Igabrum*, mas sem nasalidade. Os que veem abreviatura no **HE** veem genitivo plural em **APRV**. Cuido que, como em *Igabrum*, é um neutro à céltica do lat. *aper* “porco bravo”. Mas então o que é que queria dizer a expressão “o próprio-do-porco-bravo”?

Não atinam os que veem no porco bravo um símbolo de ousadia e valor; é anacrónico. O porco bravo no mundo céltico, por estranho que pareça, simbolizava a sabedoria. Antes de os gregos descobrirem o pensar com a cabeça, i. é, a ciência como hoje a concebemos, um saber por via consciente, computável e reproduzível, os antigos viam-na arquetipicamente na caça do porco bravo no bosque. As culturas pré-helénicas buscavam saber intuitivo no inconsciente. O porco era o saber e o souto o inconsciente, o *genius* romano, o coração da metáfora popular. Se a estranheza durar, trago aqui o sepulcro de Fernão Pérez de Andrade o Bom. Sabido é que os *de Andrade* foram *Freire de Andrade* antes do desfeita da Ordem do Templo. Os templários eram e viam-se como sacerdotes e guerreiros, i. é, soberanos-sábios e administradores da força bélica, as duas primeiras funções dumezilianas. Seus símbolos eram o porco bravo e o urso, as feras do sepulcro desse ilustrado cavaleiro que se orgulhava da sua linhagem e do aspecto sapiencial que ela supunha. Isso nota o nome Sueiro e o patronímico Soares, vindos de *Suarius*, do lat. *sūs, suis* “porco”. Donde o prestígio do nome? No medievo durava o sentido antigo. J. da Silveira estava no certo, mas era semântica árdua.

³ *Celtic Mythology in Galician Place-names*, Fourteenth International Congress of Celtic Studies, Maynooth, August 2011.

⁴ Passaram nove anos sem eu ler o *paper* revisado, logo sem reparar na discretíssima melhora. Quando pensei em publicá-lo noutra lugar, deitei uma olhada séria ao texto, caí na conta e quase caio da surpresa. Sem saber daquele detalhe revelador, ainda não lho agradei nem me desculpei pela delonga. *Chapeau* ao generoso!

⁵ Provavelmente de *SANISTĀ, vinculado a lat. *sine* < **seni* “diferente, particular”.

Demorei-me com o porco bravo porque na península os vestígios do artigo céltico são ténues e esconsos, mas existem e permitem inferir que o céltico peninsular comum o tinha. Enquanto não se encontre explicação melhor, darei esta tese por roborada e certa.

E A ROMÂNIA OCIDENTAL RESTANTE?

Se fosse filólogo debruçado no francês talvez daria com rastos diretos desse artigo, mas não sou e devo saltar cingindo-me a uma equação que a meu ver alça o grito para o céu. Esse grito clama que onde aparece a prótese átona de E ante S mais consoante houve no tempo céltico soberano um artigo ou demonstrativo enfraquecido. Enquanto não surja melhor explicação terei certeza.

Sei que isto apenas começa, mas confio em ter andado por uma via que conduz a certeza. Que é a reconstrução do céltico antigo comum dos últimos tempos da soberania. Esse espaço é lábil. Podem levantar-se objeções, antes perguntas que negações. Se as neocélticas não têm rastos do artigo, cabe arguir que medeia muito tempo entre elas e o céltico antigo, e também é certo que em gaélico há rastos do demonstrativo anafórico que originou o artigo a estudo, que aparecem como pronomes pessoais da 3ª pessoa, logo tónicos, não átonos como os artigos.

Primeiro foi o pronome demonstrativo anafórico que surge da comparação indo-europeística. O sentido seria “este, esta, isto”, mas é melhor pôr “este-esta, isto”, porque *is, i* nos fala de um tempo que tinha género animado (depois masculino e feminino) e género inanimado. Enquanto guardaram a função demonstrativa foram palavras tónicas. Como tónico dura nas neocélticas rastos nos pronomes pessoais de 3ª, cruzados com outras partículas. A brevidade fonética fez fácil resvalarem para o emprego átono. Daí ao valor de artigo não há muita distância.